

Lockdowns afundam a economia chinesa e projeção de PIB cai

O Citigroup cortou sua previsão de crescimento do PIB da China para 2022 de 5,1% para 4,2%

Por Stella Yifan Xie — Dow Jones Newswires, de Hong Kong

17/05/2022 05h01 · Atualizado há 2 horas

A economia chinesa aprofundou seu estado de paralisia induzido pela covid no mês passado. Esse fator levanta dúvidas sobre a capacidade de Pequim evitar uma retração econômica prolongada.

Os gastos do consumidor e a produção industrial chinesas despencaram em abril, enquanto o crescimento dos investimentos em infraestrutura - com o qual o governo chinês contava para impulsionar a expansão da economia deste ano - desacelerou significativamente, segundo informou o Departamento Nacional de Estatística da China ontem.

A taxa de desemprego da China, por seu lado, disparou para 6,1%, seu patamar mais alto dos últimos dois anos, tornando-se mais uma prova dos danos causados à economia pelas atuais medidas de contenção da pandemia, as mais rígidas dos últimos dois anos.

Embora o nível de atividade possa se recuperar quando os lockdowns forem suspensos, os prejuízos causados pelo compromisso da China em suprimir surtos de covid estão impactando a economia e se estendendo. A pergunta agora é se as autoridades que comandam a segunda maior economia do mundo, conseguirão atenuar o baque com instrumentos de política fiscal e monetária.

As medidas de estímulo tomadas pela China desde o início da pandemia se concentraram na ponta da oferta. A relutância de Pequim em apoiar diretamente as famílias e a manutenção de suas restrições anticovid minaram a capacidade da demanda do consumidor de impulsionar a economia, dizem economistas.

“A verdadeira fragilidade está na ponta da demanda, mas quase todas as medidas econômicas implementadas contemplam a ponta da oferta”, disse Michael Pettis, professor na Universidade de Pequim.

Os gastos com infraestrutura, outro instrumento preferido de Pequim que o presidente Xi Jinping promoveu nas últimas semanas, poderão não funcionar tão bem quanto no passado, devido, em parte, aos atuais níveis de endividamento, disse Stephen Roach, professor da Universidade Yale.

“[A China] enfrenta alguns problemas extraordinariamente graves aos quais, acho eu, sua liderança não está reagindo com eficácia”, disse Roach, ex-Morgan Stanley.

O setor mais duramente atingido da economia chinesa, segundo os dados informados ontem, foi o dos gastos do consumidor. As vendas do varejo caíram 11,1% em abril, no comparativo ano a ano, o que representa a segunda retração mensal consecutiva e a maior contração desde março de 2020.

Em Xangai, com o lockdown, nem um único carro foi vendido no mês passado, segundo a Associação de Vendas de Automóveis.

As restrições à covid-19 também puderam ser sentidas na indústria de transformação da China. A produção industrial de abril caiu 2,9% ao ano, após ter aumentado 5% em março. A produção do setor automobilístico despencou 43,5% em volume, com a covid afetando centros chave de produção em Xangai e nas redondezas, e também na província de Jilin, no nordeste.

O investimento em ativos fixos, incluindo projetos de infraestrutura e imobiliários, desacelerou para 6,8% nos quatro primeiros meses do ano, em relação aos 9,3% do primeiro trimestre.

A taxa de desemprego urbano superou em abril a meta oficial de 5,5% pelo segundo mês seguido, alcançando 6,1% - a mais elevada desde os 6,2% de fevereiro de 2020.

O desemprego na faixa dos 16 e 24 anos aumentou para 18,2%, o maior desde antes da pandemia.

Fu Linghui, do departamento de estatística da China, disse que os desafios diante da economia chinesa “ultrapassaram as expectativas”, mas manifestou otimismo de que essas dificuldades se revelarão de curto prazo.

Após a divulgação dos dados, o Citigroup cortou sua previsão de crescimento do PIB da China para o segundo trimestre de 4,7% para 1,7% ao ano, e a projeção para 2022 de 5,1% para 4,2%.

Com a deterioração do cenário, vários destacados economistas e intelectuais chineses, que falaram em um seminário em Pequim no sábado, defenderam uma reação de política pública mais agressiva.

“Chegamos a um ponto em que deveríamos usar políticas públicas para salvar a economia, a todo custo”, disse Huang Yiping, professor de economia da Universidade de Pequim e ex-assessor do banco central chinês.

O desafio maior com que o governo chinês se defronta, dizem economistas, é o de estimular a demanda num momento em que aumenta o pessimismo das empresas e dos consumidores - e em que Pequim reafirma sua insistência com a política de covid-zero.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por **taboola**

LINK PATROCINADO

Will Smith realmente mora nesta casa

HEALTHY GEORGE

LINK PATROCINADO

O carro de Anitta é provavelmente o mais caro do mundo

ONE DAILY

LINK PATROCINADO

Como a Marvel pode ter encontrado sua nova "Saga do Thanos" nos cinemas

GEEK HERE

Índia restringe embarques e acentua alta do trigo

Cereal fechou em alta de 6% em Chicago; valorização em 2022 já passa de 60%

Por Patrick Cruz, José Florentino e Fernanda Pressinott — De São Paulo

17/05/2022 05h02 · Atualizado há 3 horas

Trigo Chicago

Em US\$ cents/bushel

■ Dia a dia*



■ Mês a mês*



■ Variações no período * - em %

Dia	6,24	↗
No mês	18,49	↗
No ano	61,58	↗
12 meses	76,88	↗

Fonte: Dow Jones Newswires e Valor PRO. Elaboração: Valor Data. * Mercado futuro, segunda posição. ** No dia 16

A guerra entre Rússia e Ucrânia restringiu ainda mais a oferta global de grãos e óleos vegetais. Em um novo capítulo desse movimento, a Índia, segunda maior produtora de trigo do mundo, anunciou no último sábado que passará a vetar os embarques do cereal.

Como reflexo direto da decisão indiana de restringir suas exportações, o trigo disparou na bolsa de Chicago. Ontem, os contratos do cereal que vencem em julho fecharam em alta de 6%, a US\$ 12,475 por bushel.

Neste ano, o trigo já acumula valorização de 62%, segundo o **Valor Data**, mas, como os contratos de prazo mais longo valem hoje mais do que os papéis de prazo menor, há indícios de que a escalada deve prosseguir. O contrato para janeiro de 2023 encerrou a sessão desta segunda-feira a US\$ 12,51 por bushel em Chicago.

O encarecimento do trigo é, ao mesmo tempo, um forte combustível para a inflação global e um elemento que acentua a fome no mundo (*leia mais à pág. A11*). O cereal representa 20% da ingestão de calorias no planeta.

Antes da guerra, Ucrânia e Rússia respondiam, somadas, por 27% dos embarques globais de trigo. A Índia vinha cobrindo parte da oferta que, até o início do conflito, cabia a ucranianos e russos, e já previa exportar 10 milhões de toneladas neste ano, um recorde.

O país restringirá seus embarques por tempo limitado e, como observaram analistas, a medida não afetará os compradores indistintamente. “O Egito disse que

ainda receberá 500 mil toneladas já negociadas com a Índia, que continuará a ofertar grãos a nações mais pobres”, comentou o analista Tobin Gorey, do ANZ, em nota.

Isso não é necessariamente um grande alívio. O governo indiano creditou a decisão aos problemas na safra causados pela maior onda de calor da história do país, o que significa que também a oferta ao mercado local não será a mesma que se previa inicialmente. O estresse térmico afetou muitas plantações no momento da formação do grão, principalmente no norte do país. A região produz menos trigo que o sul, foi o impulso adicional das lavouras do norte que assegurou à Índia colheitas recorde nos últimos cinco anos. Muitos agricultores da região relataram perdas de 10% a 15% nas lavouras.

A Índia tem 10% das reservas globais de trigo, de acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). No início deste mês, Arif Husain, economista-chefe do Programa Mundial de Alimentos da Organização das Nações Unidas (ONU), disse ter proposto aos indianos o uso de parte desses estoques para aliviar a escassez do cereal. Mas, com o anúncio da restrição aos embarques, qualquer que seja a decisão da Índia sobre o uso dessas reservas, é improvável que ela signifique aumento da oferta a outros países.

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

LINK PATROCINADO

Will Smith realmente mora nesta casa

HEALTHY GEORGE

LINK PATROCINADO

Como o Brasil conseguiu destruir sua própria indústria de fertilizantes

BLOOMBERG LINEA

LINK PATROCINADO

Implantes dentários no São Paulo: lista de preços

IMPLANTES DENTÁRIOS

LINK PATROCINADO

Viatina, a vaca mais cara do mundo, avaliada em R\$8 milhões

BLOOMBERG LINEA



IPCA

Inflação mantém alta e chega a 1,06% em abril, maior para o mês desde 1996

Editoria: [Estatísticas Econômicas](#) | Carmen Nery

11/05/2022 09h00 | Atualizado em 11/05/2022 09h16



Alimentos continuam pressionando a inflação com alta de 2,06% - Foto: Helena Pontes/Agência IBGE Notícias

A inflação teve alta de 1,06% em abril, após ter alcançado 1,62% em março. Esse foi o maior resultado para o mês de abril desde 1996 (1,26%). No ano, o indicador acumula alta de 4,29% e, nos últimos 12 meses, de 12,13%, acima dos 11,30% observados nos

12 meses imediatamente anteriores. Em abril de 2021, a variação havia sido de 0,31%. Os dados são do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado hoje (11) pelo IBGE.

Em abril, os principais impactos vieram de alimentação e bebidas - maiores variação (2,06%) e impacto (0,43 p.p.); e dos transportes - alta de 1,91% e 0,42 p.p. de impacto. Juntos, os dois grupos contribuíram com cerca de 80% do IPCA de abril.

“Alimentos e transportes, que já haviam subido no mês anterior, continuaram em alta em abril. Em alimentos e bebidas, a alta foi puxada pela elevação dos preços dos alimentos para consumo no domicílio (2,59%). Houve alta de mais de 10% no leite longa vida, maior contribuição (0,07 p.p.), e em componentes importantes da cesta do consumidor como a batata-inglesa (18,28%), o tomate (10,18%), o óleo de soja (8,24%), o pão francês (4,52%) e as carnes (1,02%)”, elenca o analista da pesquisa, André Almeida.

No caso dos transportes, a alta foi puxada, principalmente, pelo aumento nos preços dos combustíveis que continuaram subindo (3,20% e 0,25 p.p.), assim como no mês anterior, com destaque para gasolina (2,48%), produto com maior impacto positivo (0,17 p.p.) no índice do mês.

“A gasolina é o subitem com maior peso no IPCA (6,71%), mas os outros combustíveis também subiram. O etanol subiu 8,44%, o óleo diesel, 4,74% e a ainda houve uma alta de 0,24% no gás veicular”, acrescenta Almeida.

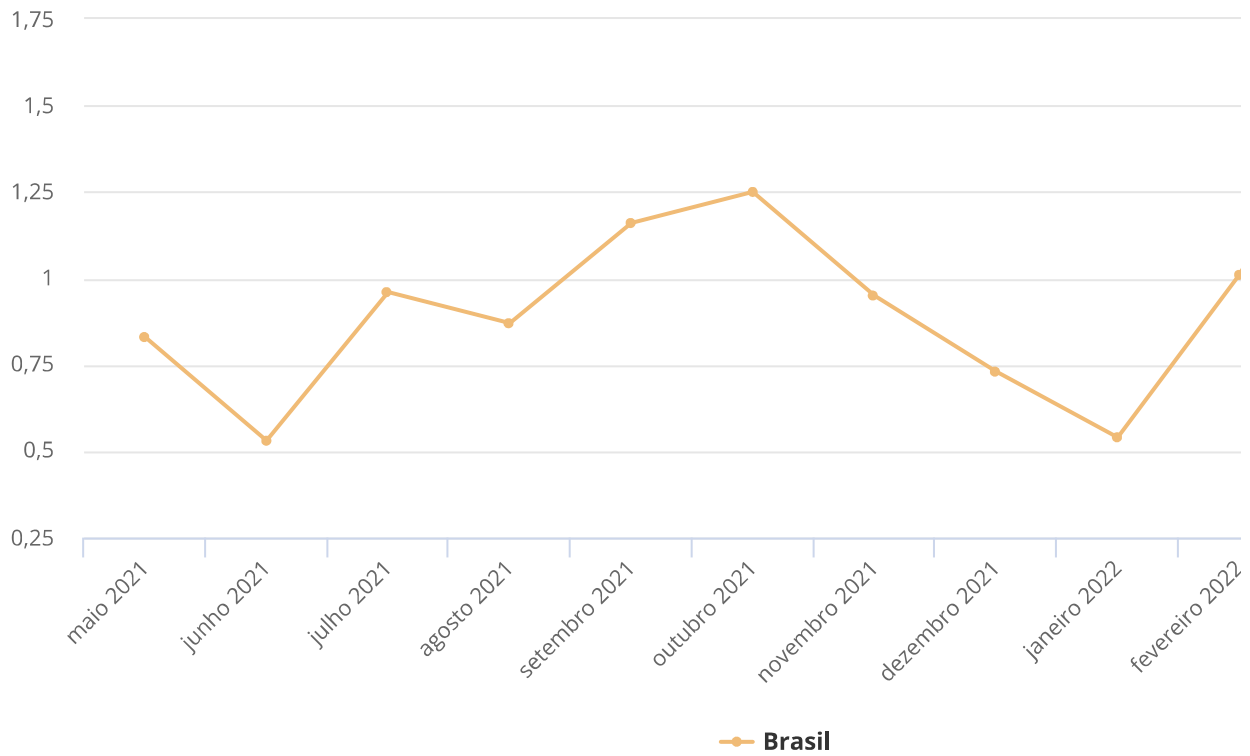
IPCA - Variação mensal (%)

Exportar gráfico...



Clique e arraste para zoom





Fonte: IBGE - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo

Houve ainda aceleração nos grupos Saúde e cuidados pessoais (1,77%) e Artigos de residência (1,53%). O único grupo a apresentar queda no IPCA de abril foi Habitação, com -1,14%. Os demais ficaram entre o 0,06% de Educação e o 1,26% de Vestuário.

A aceleração do grupo Saúde e cuidados pessoais (1,77%) decorre principalmente da alta observada nos preços dos produtos farmacêuticos (6,13%), que contribuíram com 0,19 p.p. no índice geral. No dia 1º de abril, foi autorizado o reajuste de até 10,89% no preço dos medicamentos, dependendo da classe terapêutica. As maiores variações no item vieram dos remédios hormonais (7,96%) e hipotensores e hipocolesterolêmicos (6,81%).

Além disso, houve alta também nos produtos de higiene pessoal (0,85%), com impacto de 0,03 p.p. O plano de saúde (-0,69%) segue com variação negativa, refletindo o reajuste negativo de -8,19% aplicado pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) no ano passado.

O grupo habitação (-1,14%) foi o único a apresentar variação negativa em abril, devido à queda nos preços da energia elétrica (-6,27%).

“A partir de 16 de abril, houve mudança na bandeira tarifária, que saiu de bandeira de escassez hídrica, para bandeira tarifária verde, em que não há cobrança extra na

conta de luz. Desde setembro do ano passado, estava em vigor a bandeira de Escassez Hídrica, que acrescentava R\$14,20 a cada 100Kwh consumidos”, explica, o analista.

Por outro lado, foram registradas altas no gás de botijão (3,32%) e no gás encanado (1,38%). Neste subitem, houve reajuste tarifário de 7,72% no Rio de Janeiro (4,07%), a partir de 16 de março.

IPCA tem alta em todas as áreas pesquisadas

A pesquisa mostra ainda que todas as áreas pesquisadas tiveram alta em abril. A maior variação ocorreu na região metropolitana de Rio de Janeiro (1,39%), onde pesaram as altas dos produtos farmacêuticos (6,38%) e da gasolina (2,62%). A menor variação, por sua vez, ocorreu na região metropolitana de Salvador (0,67%), onde houve queda nos preços da gasolina (-3,90%) e da energia elétrica (-3,41%).



INPC foi de 1,04% em abril

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor - INPC teve alta de 1,04% em abril, abaixo do registrado no mês anterior (1,71%). Foi a maior variação para um mês de abril desde 2003, (1,38%). No ano, o INPC acumula alta de 4,49% e, nos últimos 12 meses, de 12,47%, acima dos 11,73% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em abril de 2021, a taxa foi de 0,38%.

Os produtos alimentícios passaram de 2,39% em março para 2,26% em abril. Os não alimentícios também desaceleraram e registraram 0,66%, frente aos 1,50% do mês anterior.

O INPC subiu em todas as áreas pesquisadas. O menor resultado foi no município de Goiânia (0,65%), em função da queda na energia elétrica (-10,49%). A maior variação, por sua vez, ficou com a região metropolitana do Rio de Janeiro (1,45%), influenciada pelas altas de 13,57% no leite longa vida e de 6,25% nos produtos farmacêuticos.

Mais sobre as pesquisas

O IPCA abrange as famílias com rendimentos de 1 a 40 salários mínimos, enquanto o INPC as famílias com rendimentos de 1 a 5 salários mínimos, residentes nas regiões metropolitanas de Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, além do Distrito Federal e dos municípios de Goiânia, Campo Grande, Rio Branco, São Luís e Aracaju. Acesse os dados no [Sidra](#).